



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES/CH
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO LÍNGUA INGLESA**

JAEFFISON FONSECA FURTADO

**RETRATOS DE UM RETRATO – CONCEPÇÕES DA ARTE E DA BELEZA NO
ROMANCE VITORIANO *O RETRATO DE DORIAN GRAY*, DE OSCAR WILDE**

Orientador. Ms. Auricélio Soares Fernandes

**GUARABIRA
2018**

JAEFFISON FONSECA FURTADO

**RETRATOS DE UM RETRATO – CONCEPÇÕES DA ARTE E DA BELEZA NO
ROMANCE VITORIANO *O RETRATO DE DORIAN GRAY*, DE OSCAR WILDE**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)
apresentado ao Curso de Graduação em Letras
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduado em Letras.

Área de concentração: Letras.

Orientador: Prof. Ms. Auricélio Soares
Fernandes

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F992r Furtado, Jaeffison Fonseca.
Retratos de um retrato – concepções da arte e da beleza no romance vitoriano O retrato de Dorian Grey, de Oscar Wilde [manuscrito] : / Jaeffison Fonseca Furtado. - 2018.
52 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Arte. 2. Beleza. 3. O retrato de Dorian Gray.
21. ed. CDD 701.03

JAEFFISON FONSECA FURTADO

**RETRATOS DE UM RETRATO – CONCEPÇÕES DA ARTE E DA BELEZA NO
ROMANCE VITORIANO *O RETRATO DE DORIAN GRAY*, DE OSCAR WILDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduado em Letras – Inglês

Área de concentração: Letras Inglês.

Aprovada em: 15/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Me. Caio Antônio Nóbrega

Prof. Me. Caio Antônio Medeiros Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Paulo Aldemir Delfino Lopes

Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Querida mãe, a te escrevo com muito amor estas palavras de agradecimento, obrigado pelo amor, dedicação, carinho, companheirismo e amizade. Obrigado pela confiança depositada em mim. Meu eterno amor a ti, estas palavras, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Encho-me de felicidade e assim transbordo-me de alegria por tudo que me foi proporcionado nesses quatro anos de aprendizado. Com muito amor e felicidade, agradeço ao senhor Deus por me proporcionar tantas maravilhas. Todo o aprendizado e experiências foram válidos para a construção do meu Eu, a ti agradeço, Senhor.

Gostaria de expressar aqui toda a minha gratidão ao Prof. Doutorando Auricélio Soares Fernandes, a quem tenho uma enorme admiração e respeito. O mesmo não poupou esforços, paciência, tempo e conselhos em suas orientações a fim de proporcionar todo o conhecimento e inspiração necessária para minha construção pessoal e profissional. Agradeço pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela paciência depositada nesses meses de orientação. Obrigado por me orientar com humildade e dedicação. Obrigado por estender as suas mãos humildes quando eu mais precisei Professor. Você é um ser inspirador.

Deixo meus agradecimentos aos meus amigos da turma 2013.2, Ivandra Alice, Vitória Kaliane, Jaquicilene Alves, Simone Lacerda, Kennedy Calixto, Gustavo de Paiva e Paulo Sóstenes. Vocês foram peças importantes nessa grande caminhada rumo ao aprendizado. Não me esquecerei de nossos momentos felizes e tristes. Obrigado por todo o carinho e atenção a mim dedicado. Tenho vocês em meu coração.

À minha mãe, Maria do Socorro Fonseca Furtado, agradeço todo o esforço, amor e atenção a mim dedicados. Sou um filho privilegiado por ter comigo uma mãe que nunca mediu esforços para dar o melhor aos seus filhos. Obrigado por todos os conselhos, palavras, atitudes e apoio. Sem sua força e amor eu jamais teria me tornado o ser humano que hoje sou. Te amo para todo o sempre, minha querida mãe. És um ser enviado por Deus para nos fazer felizes. Sua simplicidade e humildade nos faz aprender que o importante é ser feliz e amar o próximo como a si mesmo. Agradeço também aos meus queridos irmãos Jayffison F. Furtado e Oselite Vanda F. Furtado e ao meu pai, Antônio Jairison Furtado, a vocês deixo meu carinho, amor e admiração. Obrigado pela amizade e companheirismo de sempre. Amo vocês infinitamente.

Agradeço a meus avós maternos: Vanda Fonseca e Walfredo Viturino, e paternos: Maria Ozelite e José Bezerra Furtado, que hoje não se fazem mais presentes em forma material, mas os levo em meu coração para todo o sempre. Vocês não mediram esforços para que eu fosse amado e feliz, a vocês dedico.

Aos meus tios e primos, deixo aqui o meu agradecimento. Vocês foram as chaves fundamentais para que eu pudesse continuar minha caminhada. Obrigado por acreditarem e amarem a mim como eu sou. Vocês estarão eternamente em meu coração. Eu os amo, meus queridos familiares.

Aos meus amigos de infância pelo carinho e atenção de sempre. Obrigado por compreenderem a minha ausência. Ao meu ex-professor, amigo, irmão, Ricardo Sérgio Carlos da Silva, que se fez presente na construção dos meus saberes, proporcionando-me refletir sobre a vida e a importância do conhecimento em minha vida. Pelas palavras, conselhos e “puxões de orelha”. Sou grato em tê-lo como irmão. Aos demais amigos que, assim como eu, viveram o sonho de estudar em uma Universidade Pública, a vocês toda a minha admiração e respeito. Agradeço ao amigo Pedro Torres pelo companheirismo e amizade de sempre. Obrigado por ser essa pessoa incrível. Seus discursos são admiráveis e me fizeram crescer direta e indiretamente, dedico.

A todos que confiaram em meu potencial e nunca me deram as costas nos momentos de angústia e dificuldades. Agradeço-vos por me escutarem e conversarem comigo nos momentos de fragilidade e alegria, dando-me o apoio que só os verdadeiros amigos conseguem nos dar. Meu carinho e admiração.

Agradeço a todos os professores que contribuíram direta ou indiretamente, aos colegas dos cursos de extensão e aos colegas e amigos que construí dentro e fora da Universidade. Nossas diferenças nos fizeram compreender uns aos outros deixando os nossos encontros regados de muito companheirismo e alegria. Levarei todos vocês em meu coração.

“O artista é o criador de coisas belas.”

(Oscar Wilde)

**RETRATOS DE UM RETRATO – CONCEPÇÕES DA ARTE E DA BELEZA NO
ROMANCE VITORIANO *O RETRATO DE DORIAN GRAY*, DE DORIAN GRAY**

Jaeffison Fonseca Furtado¹

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade analisar a arte e beleza de *O retrato de Dorian Gray*, publicado originalmente em 1891, a partir do pensamento do escritor e esteta Oscar Wilde, que materializa seus personagens e a sociedade vitoriana na obra. A arte é a materialização das ideias, emoções e sentimentos do ser humano. O homem apropriou-se de valores do esteticismo para compreender as emoções, ideias e juízos de suas obras de arte. O trabalho inicia-se com uma reflexão sobre Arte e Estética, a partir do aporte teórico de Coli, J. (1995), Étienne Gilson (2010), Hugon-Talon (2009) e Wilde (2014). Posteriormente, discutiremos sobre a Arte em perspectiva histórica, da Pré-História à Era Vitoriana, cuja discussão foi baseada nos trabalhos de Acidini (1951), Gombrich (2013), Domingos (2015), Little (2010), Mello (2011), entre outros. Por fim, propomos uma leitura sobre as concepções da Arte no romance *O retrato de Dorian Gray*, momento em que focaremos na materialização das ideias de estética da arte e de beleza pensadas pelo próprio Wilde.

Palavras-Chave: Arte; Beleza; *O retrato de Dorian Gray*.

¹ Aluno de Graduação em Letras – Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: jaeffisonjff@hotmail.com / jaeffison@gmail.com

**PORTRAITS OF A PORTRAIT - CONCEPTIONS OF ART AND BEAUTY IN
VICTORIAN NOVEL THE PICTURE OF DORIAN GRAY, BY OSCAR WILDE**

ABSTRACT

This work aims to analyze art and beauty of *The Picture of Dorian Gray*, originally published in 1891, from an aesthetic's study of the writing of Oscar Wilde, which embodies his characters and Victorian society in the novel. Art is a materialization of the ideas, emotions and feelings of the human being. Man has appropriated values of aesthetics to understand the emotions, ideas, and judgments of his art works. The work begins with a reflection on Art and Aesthetics where they take as theoretical sports Coli, J. (1995), Étienne Gilson (2010), Hugon-Talon (2009), Wilde (2014). Subsequently, discussing Art in a historical perspective (1951), Gombrich (2013), Domingos (2015), Little (2010), Mello (2011), among others. Finally, we propose a reading about how the conceptions of Art in the novel *The Picture of Dorian Gray*, we focus on the materialization of the ideas of aesthetics of art and beauty thought by Wilde himself.

Keywords: Art; Beauty; *The Picture of Dorian Gray*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ARTE E ESTÉTICA: É POSSÍVEL DEFINI-LAS?	14
3 A ARTE EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: DA PRÉ-HISTÓRIA À ERA VITORIANA.....	17
3.1 Arte na Pré-História: criador (homem), criatura (arte) e suas origens	17
3.2 Arte sob o olhar dos gregos, pré-rafaelistas e estetas do Século XIX	18
4 ART(IST)´S FOR ART(TIST)´S SAKE: REFLEXÕES SOBRE A ARTE NO ROMANCE <i>O RETRATO DE DORIAN GRAY</i>, DE OSCAR WILDE.....	29
4.1 <i>O retrato de Dorian Gray</i>: a materialização das ideias estéticas de Oscar Wilde.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	49

1 INTRODUÇÃO

A arte é o que é, mas também o que parece. A arte não é o que é, nem o que parece. A arte em si não é, apenas é em nós. A arte é o contrário do que parece. O que parece é o contrário do que é. Ou apenas, a arte é o que é e irá ser o que é. [...] dirá a certa altura Lord Henry Wotton (Wilde) a Dorian Gray (Sociedade). Exemplo de tautologia ligeira e snob ou absoluta e definitiva?. (FADDA, 2014, s/p).

A arte e sua materialidade se concretizam a partir dos sentimentos expressos pelo ser humano. Desde muito cedo, o homem sentiu a necessidade de externar a sua imaginação, sua emoção e seus pensamentos através das manifestações artísticas. Com o passar do tempo, o homem, criador de sua arte, utilizou-se da estética para investigar a essência da beleza nas artes. Apropriou-se de valores do esteticismo para compreender as emoções, ideias e juízos de uma obra de arte. É a partir dos estetas que a arte é analisada e compreendida, mas a beleza de uma arte reside nos olhos de quem a vê. E isso é tudo.

Oscar Wilde, um dos maiores estetas do século XIX, escreveu o *Retrato de Dorian Gray*, única obra do escritor. Um romance filosófico que vai tratar da arte e da estética em seu período. Em 1889, a obra foi encomendada por um dos editores da revista mensal *Lippincott's Monthly Magazine*. Na primeira versão, publicada em 1890, a obra recebeu muitas críticas pela sociedade burguesa, críticos e literários britânicos.

A segunda versão foi publicada em 1891. Nela, o autor irlandês traz um prefácio julgado por muitos como o primeiro manifesto de estética da Arte literária moderna, quando Wilde expõe as famosas máximas da “arte pela arte”, que irão abordar o valor da beleza, sobre a arte e o papel do artista. Wilde irá afirmar em seu prefácio: “Toda arte é completamente inútil” (WILDE, 2014, p. 13). E, “A única desculpa para se fazer uma coisa inútil é admirá-la intensamente” (WILDE, 2014, p. 13). Pois “O artista é criador de coisas belas” (WILDE, 2014, p. 11).

Dessa maneira, o presente trabalho surge de uma inquietação, resultado de nosso contato com a disciplina de Literatura Inglesa, em nossa graduação em Licenciatura em Língua Inglesa na Universidade Estadual da Paraíba, e tem por objetivo refletir o que é A(a)рте e beleza para a Estética de Oscar Wilde em *O retrato de Dorian Gray*. Para alcançarmos o objetivo, tomamos o Romance como nosso objeto de estudo/análise para compreendermos A Materialização das Ideias Estéticas de Oscar Wilde.

No capítulo 2, abordaremos *Arte e Estética: é possível defini-las?* – Para nos ajudar a discorrer sobre o tema, usaremos como aporte teórico Coli, J. (1995), Étienne Gilson (2010), através dos quais será possível compreender um pouco sobre a arte e suas manifestações. E

Hugon-Talon (2009) e Wilde (2014) que irão nos clarear quanto à estética enquanto filosofia do esteticismo.

No capítulo 3 iremos abordar um recorte sobre *A Arte em perspectiva histórica: da Pré-História à Era Vitoriana*. Não iremos discorrer sobre todos os fatos ocorridos, mas nos apegaremos às principais civilizações que contribuíram significativamente para o processo de formação das artes e seus conceitos. Para isso, usaremos Pereira; Lessa (2014); Gombrich (2013); Guergolet (2008); Domingos (2015); Trufano (2013); Martins/Imbroisi (2018); Acidini (1951); Mello (2011) e Little (2010) como aporte teórico.

No capítulo 4, por fim, apontaremos uma leitura cujo foco primordial será sobre a arte no romance *O retrato De Dorian Gray*. Nesse tópico, analisaremos o romance de Oscar Wilde a partir da materialização das ideias de estética (e do esteticismo) da arte e de beleza. Para isso, recorreremos a textos de Osborne (1974); Fadda (2014); Tarkovski (2002); Wilde (2014); Bárbara Heliodora (2009); Teles (2016); Bravo (2005); Araujo (2016), entre outros.

2 ARTE E ESTÉTICA: É POSSÍVEL DEFINI-LAS?

[...] arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo (COLI, J. 1995, p. 8).

Essa citação nos serve de pontapé inicial para a discussão que propomos ensaiar nesse tópico. Arte e estética: é possível defini-las? A arte não pode ser restrita a apenas um conceito, é um termo de definições múltiplas, por vezes, contraditórias. Embora não seja tarefa fácil apresentar uma definição clara e objetiva, nos é possível apresentar uma resposta alinhavando os consensos, os pontos de encontro, os ângulos de bifurcação entre os que divergem e convergem para uma conceituação.

A arte é um tipo de conhecimento², como dissera Lucien Febvre³. Ora, o artista sempre tem algo a dizer, sua obra sempre nos comunica algo, uma emoção, um sentimento, nos afirma Étienne Gilson (2010) no prefácio da obra *Introdução às artes do belo*, para quem a “arte é [antes de tudo, grifo nosso] uma prática” (p. 7). O artista não revela a arte, apenas a cria, e isso é tudo. A arte não se explica apenas se sente. Não tem sentido de ser, pois, na verdade, apenas é.

Busca-se, constantemente, revelar a arte, dotá-la de sentido. Ao invés de refletirmos sobre o resultado dessa prática, prefere-se refletir sobre a sua produção, o(s) porquê(s) de tal criação. Vulgarizou-se o conceito, tornou-se polissêmica a arte, quer dizer, o termo. Quando falamos de arte e obra de Arte, no senso comum, nos referimos à mesma coisa. Isso é um erro. Tomamos a prática - a técnica, o labor, o fazer artístico - pelo produto que ela produz, confundido criação e criatura. Tal confusão se dá porque nunca tomamos a arte no sentido teórico e abstrato, arte com A maiúsculo (GOMBRICH, 2013).

Tratar do objeto artístico não é a mesma coisa que discorrer sobre a Arte. A isso chamamos estética (COLI, 1995). Os esteticistas buscarão problematizar como a arte foi definida, que sentido possui, na tentativa de classificá-la. Ao lado destes, figuram os que advocam a arte pela arte, os que preferem apenas constatar a complexidade do objeto artístico e contemplá-lo. “Podemos perdoar um homem por fazer alguma coisa útil, contando que ele não a admire. A única desculpa para se fazer uma coisa inútil é admirá-la intensamente. Toda arte é completamente inútil”, diria Oscar Wilde (2014, p.13), ao comentar, no prefácio de seu romance, *O retrato de Dorian Gray*, a função da arte.

²Cf. GILSON, Étienne. *Introdução às artes do belo*. Trad. de Érico Nogueira. São Paulo: É Realizações, 2010, p.7,.

³ Esta frase foi citada por H. Wallon no oitavo volume da décima seção da Enciclopédia Francesa, na página 7 e é atribuída a Lucien Febvre, que, em sua forma integral, diz: “Com certeza, a arte é um tipo de conhecimento” e encontra-se em Gilson (2010, p.7).

Precisaria a arte de outra função para além da de provocar? Falar em arte é falar de quem a produz, não do que se produz. É falar do criador dos “objetos artísticos, sua evolução em nossa cultura, suas relações com a sociedade” (COLI, 1995, p. 131).

Se buscar uma resposta objetiva para o que seja arte é um empreendimento difícil, definir o que seja a estética não é tarefa simples. Carole Talon-Hulgon (2009)⁴ nos informa que *O Dictionnaire Historique et Critique de la Philosophie de A. Lalande* (1980) a define como “a ciência que tem por objeto o juízo da apreciação que se aplica à distinção do belo e do feio”. Enquanto o *Vocabulaire de l’Esthétique* (1990) descreve a estética como “a filosofia e (a) ciência da arte”, o *Historisches Wörterbuch der Philosophie* (1971), *Enciclopedia Filosofica* (1967) e *Academic American Encyclopaedia* (1993) conceituam-na como “o ramo da filosofia que trata das artes e da beleza”.

Destas definições apreende-se que a estética é o estudo da arte. Se a arte é provocativa e tal provocação evoca um sentimento, podemos definir a estética como a racionalização de um ato contemplativo. Ou seja, por que contemplar uma arte se toda arte é inútil (WILDE, 2014)? A arte não constitui objeto exclusivo da estética, sob a arte se debruçam filósofos, historiadores, arqueólogos, a título de exemplificação. Mas, são eles, os estetas, um dos maiores interessados pela arte, uma vez que, ao falar de esteticismo, não estamos perante uma questão histórica, mas, sobretudo, filosófica, e a estética é uma disciplina filosófica (HUGON-TALON, 2009).

A noção de belo é cara à estética, que se processa pela reflexão em triangulação dos conceitos de beleza, sensibilidade e arte. O belo é uma metáfora, nos exemplifica Étienne Gilson (2010, p. 40-41):

O ouro merece ser amado por si mesmo, como as perolas e pedras preciosas: por sua mera beleza [...] o termo é duplamente uma metáfora, pois não evoca o brilho de certas qualidades sensíveis senão como símbolo de toda uma gama de outras qualidades das quais este mesmo brilho é o caso mais digno de nota.

Ora, pensar o belo como metáfora, no esteticismo, é entender que a apreensão da beleza não é dada pelo artista, mas que a beleza de uma arte reside nos olhos de quem a vê, do espectador que oferece os olhos à arte. Se amamos o dinheiro pela sua utilidade, não amamos o brilho do ouro pela mesma razão. O brilho do ouro não tem utilidade, só podemos amá-lo pelo simples brilho que possui. “Aqueles que encontram coisas feias em coisas belas”

⁴ Cf. TALON-HUGON, Carole. **A estética: história e teorias**. 1ª ed. Lisboa: Texto & Grafia, 2009, p. 7 (Biblioteca Universal).

(WILDE, p.13, 2014) não conseguem enxergar as coisas encantadoras por assim [encantadoras], simplesmente, serem.

3 A ARTE EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: DA PRÉ-HISTÓRIA À ERA VITORIANA

Abordar a arte em perspectiva histórica significa fazer uma história da estética, que, neste trabalho, não se pretende total ou tudo dizer. Ademais, isso seria uma tarefa difícil, para não dizer impossível. No muito, pelo limite que um trabalho dessa natureza impõe, faremos uma breve consideração, destacando os apontamentos mais relevantes, sobre a história da Arte. Uma história da Arte – estética – que dê suporte à análise que objetivamos alcançar no decorrer deste trabalho monográfico, a saber: as concepções de Arte e beleza no romance *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Assim, discorreremos nesse tópico sobre a evolução dos objetos artísticos, da Arte, do gosto, da crítica, da Arte desde a Pré-história até a Era Vitoriana, espaço-tempo onde se desenvolve a tessitura do nosso objeto: o romance de Wilde.

3.1 Arte na Pré-História: criador (homem), criatura (arte) e suas origens

A pré-história pode ser definida como um período da História no qual o homem ainda não havia dominado a escrita, tampouco os metais. Falamos da Idade da Pedra, objeto de estudo da arqueologia e antropologia. Teria esse homem produzido alguma arte?

A chamada arte pré-histórica, feita pelos ditos “primitivos”, constituía-se de gravuras rupestres, estatuetas, pinturas e desenhos. Mas, produzia-se arte – com a minúsculo – por que pintavam e/ou gravavam? E, o que diziam tais grafismos marcados nas rochas?

A relação que o homem pré-histórico tinha com as suas criações nos escapam. Contudo, ao tomar a arte rupestre como fonte – objeto de estudo – torna-se possível elucidar interpretações acerca desses “grafismos rupestres”⁵ (PEREIRA; LESSA, 2014). Muitos são os arqueólogos e historiadores que têm se dedicado a esse propósito, o de buscar nas pinturas/gravuras os seus possíveis sentidos, captar o contexto histórico, revelando a forma – leia-se o sentido – de tais “representações zoomórficas, isto é, de animais, presentes na vida de quem as pintou, quer no plano real ou imaginário” (PEREIRA; LESSA, 2014, p. 30).

A arte rupestre – aquilo que os homens “primitivos” produziram – são registros, reflexos, atestados da criatividade humana.

⁵ Cf. PEREIRA, T.; LESSA, Simone Narciso. Um bestiário pré-histórico? A pré-história através das pinturas rupestres. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 21, 2014, p. 28-51..

Os registros rupestres iniciaram por volta de 30 a 25 mil anos a.C. em nível global, e não podem ser entendidos apenas pela cultura de difusão de ideias, mas também por origens biológicas, [...]. Nossa própria memória, com fragilidade, indica(va) de forma prática que a transmissão oral não é suficiente para a preservação da tradição do coletivo. Com o aumento de conjunturas sociais, como o descobrimento do fogo, técnicas para cortar, amolar e rasgar, o homem, pela experiência, fixou sua criatividade nas suas tecnologias: passou a confeccionar lanças, manter o fogo aceso e registrar graficamente seus pensamentos, fronteiras, medos e direitos. (PEREIRA; LESSA, 2014, p. 31).

Dito de outra forma, jamais se saberá o que os homens da pré-história quiseram nos dizer quando produziram suas criações artísticas, se é que quisera nos dizer alguma coisa. Se desejaram, tal informação se perdeu no tempo. Tudo em vão (?). Nós que aqui estamos, enquanto espectadores de tais achados, por vezes sempre revelados pelos pesquisadores que se debruçam sobre a arte rupestre – arqueólogos e historiadores/historiadores da arte – podemos, no muito, nos indagar sobre tais sentidos. Se formos capazes de enxergar beleza em coisas belas teríamos, talvez, como uma conclusão possível, que a capacidade humana de representar o pensamento abstrato ocorreu por meio da arte pré-histórica (PEREIRA; LESSA, 2014). Ou talvez, que aquelas inscrições em rochas – grafismos rupestres – não poderão ser enquadradas enquanto Arte por estetas mais ortodoxos uma vez que, para eles, arte rupestre não integra as habilidades estéticas. Essa arte seria apenas o que resistiu ao tempo, gravuras. Para nós, isso é muito, pois nos lembra que essas gravuras “primitivas” são criações pertencentes a um distinto mundo simbólico, resultado de uma construção e acumulação cultural, isso é único e raro.

3.2 Arte sob o olhar dos gregos, pré-rafaelistas e estetas do Século XIX

A A(a)рте passou por inúmeras mudanças no decorrer do tempo. Desde sua origem – referimo-nos à arte com “a” minúsculo – aos dias atuais, a arte passou por uma série de mudanças. Seja quanto às técnicas ou aos valores a ela empregados, a arte, em seus dois sentidos, não se fez a mesma no transcurso histórico.

Na Antiguidade, destacamos os egípcios. Milhares de anos atrás, no continente africano, nas terras dos grandes faraós, homens construíram colossais monumentos em meio ao deserto, as pirâmides, que serviam, dentre outras funções, de sepulcro: nelas eram enterrados faraós e algumas relíquias, hoje tidas como obra de arte.

Os egípcios foram os primeiros a desenvolver técnicas de esculpir estátuas e pinturas que ornavam as paredes dos túmulos faraônicos. Suas formas geométricas, não muito aguçadas, deixavam registros peculiares em suas obras, características ricas e únicas. “Tal

combinação de regularidades geométricas e aguda observação da natureza é típica da arte egípcia como um todo” (GOMBRICH, 2013, p. 51). Assim, os egípcios, ao observarem com peculiaridade os detalhes geométricos que caracterizavam a natureza, desenvolviam suas técnicas. A arte egípcia se tornou importante para muitas sociedades que a sucederam, tanto que foi retomada/aperfeiçoada pelos gregos “[...] os mestres gregos aprenderam, com os egípcios, e somos todos alunos dos gregos. Daí a tremenda importância da arte egípcia para nós” (GOMBRICH, 2013, p. 49).

O período Helenístico⁶, que marcou a arte grega, concretizando um ideal de Alexandre, levou e difundiu a cultura grega aos territórios conquistados. O homem e o corpo são os focos da arte (antropocêntrica) nesse período. Desenvolvem-se novos estilos de escultura e de como trabalhá-la, o que significou um enriquecimento artístico e cultural, se distanciando do estilo egípcio. Para Guergolet (2008, p. 16):

No período Helenístico, o naturalismo cresce sendo que os seres humanos não eram mais retratados apenas pela sua idade ou aparência, mas também segundo suas emoções, personalidade e estado de espírito em um momento específico, têm como característica também a sugestão de mobilidade, os grupos e a preocupação com os ângulos, fazendo com que elas fossem bonitas observadas de todos os ângulos possíveis.

As esculturas representadas em variações angulares fizeram com que arte grega se preocupasse com a estética. Ao buscar representar, por meio de esculturas, os sentimentos e as sensações humanas, o período Helenístico despertou a reflexão sobre as criações artísticas. Obras como “Laocoonte e seus filhos” (40 a.C.), a “Vênus de Milo” (150 a.C.)⁷ e a “Vitória de Samotrácia” (200 a.C.) nos possibilitam compreender um pouco dessa arte tão expressiva e dramática.

Os artistas, ao trazerem naturalidade, expressividade e dramaticidade para suas criações – arte –, mostravam na técnica empregada um pouco de sua individualidade, transmitindo um rebuscamento estético em suas obras.

Comum entre os gregos e romanos era o gosto pela pintura. Houve tempos em que a pintura grega quase desapareceu. É pelos afrescos romanos, encontrados a partir de escavações arqueológicas, afrescos estes de inspirações/influências helenísticas, que

⁶ Helenístico ou Helenismo: O termo “helenismo” designa o processo de difusão generalizada da cultura grega para além das fronteiras geográficas da Grécia. Esse período começa a ser marcado após a morte de Alexandre, O Grande, em 323 a.C. É um tempo de muitas mudanças, quando há uma junção da península grega, as ilhas romanas e uma difusão da civilização grega que vai da região da Ásia central ao mar Mediterrâneo oriental.

Disponível em:

<<http://www.joinville.ifsc.edu.br/~sergio.sell/m%C3%B3dulo%206/%C3%A9tica%20do%20epicurismo%20e%20do%20estoicismo.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

⁷ Imagem em anexo.

conseguimos captar as remanências da pintura grega. Algumas delas são achados arqueológicos encontradas em Pompeia e Herculano, cidades encobertas por cinzas de um vulcão – em atividade naquele tempo.

Nesses afrescos há uma representação da beleza que se encontra naturalizada⁸ nas pinturas. Falar de beleza é, para Domingues (2015), lembrar que os padrões estéticos sempre são culturais e oscilam ao longo do tempo entre as sociedades. Neste caso, a comunidade grega, ao representar beleza em suas artes, traz o masculino como modelo de beleza, excluindo a figura feminina daquilo que consideravam ‘belo’. Por séculos, o ideal de belo esteve associado à figura masculina:

[...] uma história da beleza é, em princípio e por muito tempo, uma história masculina. As mulheres não representavam a si mesmas mas eram representadas por homens e, portanto, as imagens de mulher e da beleza feminina foram, desde a Antiguidade, construções do imaginário masculino. (DOMINGOS, 2015, s/p).

Com o tempo, a beleza passa a ser associada a outros valores. Para Platão, por exemplo, a beleza estava na sabedoria, para o Oráculo de Delfos, na justiça. Nem Homero, que cantou a irresistível beleza de Helena e a usou para justificar a Guerra de Troia, soube definir o que fosse a beleza (DOMINGOS, 2015). Mais tarde, beleza associou-se à harmonia e à proporção entre os ângulos, às linhas e às formas do corpo humano. Assim, a beleza da arte grega está representada nas linhas retas dos corpos e na simplicidade do homem em meio ao seu modo de ser, pensar e ver as coisas. Também veremos na escultura grega e nos afrescos em Pompeia a imagem masculina vinculada às guerras e ao ato sexual.

Muitos progressos artísticos surgem entre o período de 700 a.C a 490 a.C., tornando os gregos a primeira civilização da Antiguidade a desenvolver vários movimentos artísticos. “Este povo produziu com maestria grandes manifestações de sua cultura através da literatura, filosofia, arte e política sem mencionar seus excepcionais dotes físicos, sendo indiscutivelmente uma das maiores influências artísticas de toda história” (GUERGOLET, 2008, p. 05).

Por volta dos fins do século V a.C., os artistas haviam chegado a um nível de alta complexidade artística, embora ainda fossem considerados artesões, categoria desprezada pelos esnobes aristocratas. Os corpos, nas estátuas, eram representados em tamanho real ao de um humano e traziam um realismo único, ao ponto de algumas serem endeusadas. As pessoas passaram a se interessar cada vez mais pelas artes - obras em si -, seja pelo valor político,

⁸ É caracterizado pela presença de elementos arquitetônicos pintados a partir do chão, que emolduram painéis com cenas mitológicas ou religiosas ou simulam janelas que se abrem sobre paisagens naturais. Disponível em: <http://umolharsobrearte.blogspot.com/2018/02/afrescos-de-pompeia.html>. Acesso em: 26 fev. 2018.

religioso e/ou artístico. Segundo Gombrich (2013, p. 81), “comparavam-se os méritos das diversas “escolas” artísticas – isso é dos vários métodos, estilos e tradições que distinguiam os mestres em cada cidade”.

Nessa época, a escultura alcança a expressão máxima, dominada por um humanismo radical, que coloca o homem no centro de suas representações. As características básicas desse período são o realismo anatômico, a expressividade individual, a procura da harmonia através do estudo das proporções do corpo humano e a captação do movimento das figuras (TRUFANO, 2013)⁹.

Gregos como Policleto, Fídias, Lísipo e Praxíteles serão os responsáveis/expoentes das técnicas inovadoras que muito se diferenciaram das utilizadas pelos artistas Egípcios e do Oriente. São técnicas de esculpir, em que há uma valorização da representação da beleza¹⁰ do corpo humano, trazendo uma visão realista da anatomia e do movimento do corpo. O Naturalismo da arte grega se apropriara da anatomia que, representada de forma quase perfeita, retratará trazendo o senso grego de equilíbrio e beleza absolutos (GUERGOLET, 2008).

O **Renascimento/Renascença** foi um movimento intelectual e cultural iniciado em meados do século XIV e se perpetuou, aproximadamente, até o final do século XVI, na península Itálica – o berço do movimento. Fazer renascer – se fazer novo – renovar é o que sugere este movimento. Sua influência transformara a cultura, a sociedade, a economia, a política, artes, mas, principalmente a religião. É nesse período que ocorrerá a decadência do feudalismo e uma valorização do livre comércio, momento em que o capitalismo mercantil passa a ganhar notoriedade.

Ainda na Renascença, surgirão os estilos de artes românica e gótico. Uma grande referência ao gótico pode ser encontrada na arquitetura francesa, a abadia de Saint Denis, uma igreja datada no ano de 1140. Não demorou a que esse estilo se difundisse por toda a Europa e influenciasse as mais diversas artes – fazeres artísticos. A arquitetura das grandes igrejas góticas, em última análise, informa uma estreitíssima ligação entre a estrutura arquitetônica e a escultura, uma vez que estão nelas contidas estátuas, os baixos-relevos, os floreados das agulhas, das pilastras e dos contrafortes (MARTINS E IMBROISI, 2018).

⁹ Informação retirada da plataforma youtube.com. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OmbX8Kq31j8&t=18s>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

¹⁰ Foi no período de ascensão de Atenas, no século V a.C., que os gregos passaram a ter uma percepção mais clara do belo estético. Ocorria, então o desenvolvimento das artes, especialmente da pintura e da escultura cujas imagens representavam a **Beleza** ideal. O corpo humano belo era aquele que mostrava harmonia e proporção entre as partes. Disponível em: <<http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/a-beleza-na-grecia-antiga-e-hoje/>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

Durante o Renascimento ocorrerá uma retomada/revalorização artística da **Antiguidade Clássica** ao mesmo tempo em que se valorará a ciência, a razão, a natureza, a filosofia e a própria arte. O teocentrismo dá lugar ao racionalismo humano, surgindo o antropocentrismo, alçando o homem como o centro do mundo. O humano “mata Deus” para se tornar “protagonista [...] a se colocar no centro de todas as coisas, alinhado com o pensamento humanista que se alimentava de fontes clássicas” (ACIDINI, 1951, p. 19). O **humanismo**¹¹ que aí surgira valorizava o homem e tudo que diz respeito ao humano. O homem se coloca como imagem e semelhança de Deus, retratadas nas pinturas de Michelangelo no teto da Capela Sistina, em Roma. A arte no Renascimento passa a representar a elevação do homem à condição do trabalho intelectual, resultando, assim, num abrangente **naturalismo**¹² (em anexo – As respingadoras do trigo) através da visão empírica. “O artista toma a natureza como mestra, passa a observá-la e estudá-la” (ALBUQUERQUE, 2017). A representação e imitação da natureza através das formas e cores fez com que os artistas atingissem, na arte renascentista, a perfeição na beleza da natureza.

A técnica e o uso da tinta a óleo – uma inovação para o período – dará uma particularidade de detalhes às obras de arte, permitindo um maior grau de detalhamento, que unido ao pensamento filosófico renascentista, possibilitou a conquista do naturalismo por parte dos pintores (ALBUQUERQUE, 2017). Nesse contexto, a importância da pintura a óleo ultrapassa as artes plásticas e, posteriormente, passa a ser representada em diversos trabalhos literários.

“O retrato oval”, de Edgar Allan Poe, narra a história de um pintor obcecado pela arte pictórica e que imortaliza a Beleza de sua esposa em um retrato. Em “Retratos proféticos”, de Nathaniel Hawthorne, um casal tem seu destino revelado graças a um retrato “mágico” e assustador feito por um pintor nos Estados Unidos puritano do século XVII. Em “O retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde, por sua vez, um pintor pinta um retrato de um jovem e belo rapaz que lamenta envelhecer com o tempo enquanto o seu retrato eternizará sua beleza e juventude.

¹¹ Humanismo: [...] transição entre a Idade Média e o Renascimento transição entre o Trovadorismo e o Classicismo. O homem no centro: O homem começou a atribuir a si e não mais a Deus a responsabilidade pelos seus feitos, como as conquistas marítimas de Portugal e Espanha. Despertou-se, assim, o antropocentrismo, em oposição ao teocentrismo vigente. Disponível em: <<http://proenem.sites.ufms.br/files/2013/03/5.-Humanismo.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

¹² Naturalismo: O Naturalismo com sua visão científica da realidade, baseando-se nas teorias científicas da época como a Teoria da Evolução das Espécies, de Darwin. O Realismo surgiu na França como uma resposta ao Romantismo e seu mundo de sonhos e idealizações. Disponível em: <<http://www.vestibulardauerj.com.br/wp-content/uploads/2014/04/Realismo-Naturalismo.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

Todos esses exemplos de representações pictóricas a partir do retrato expressam o duplo, ou o *doppelgänger*, tema “cujas indagações perenes que se projetam na criação artística de todos os tempos e sugerem representações do desdobramento do Eu que pensa e, ao mesmo tempo, é objeto de reflexão” (MELLO, 2000, p. 11), embora esse direcionamento não seja o foco dessa pesquisa.

Essas técnicas são utilizadas em pinturas e artes plásticas e determinam a harmonia do objeto retratado e dão vida às imagens através das cores e sombras¹³. O sombreamento nos proporciona uma noção da falta ou da pouca luz no ambiente representado. Tais técnicas são encontradas em muitas obras da escola renascentista e em outras que surgem a partir do Romantismo, nos fins do século XVIII.

Ademais, outro procedimento utilizado pelos artistas, pintores em específico, é a perspectiva; ela está na forma como o artista visualiza e define o espaço através dos efeitos.

[...] a perspectiva pode ser definida como um recurso gráfico que utiliza o efeito visual de linhas convergentes para criar a ilusão de tridimensionalidade do espaço e das formas quando estas são representadas sobre uma superfície plana como a do papel de desenho (JUVENIL, 2018, s/p).

Então, a partir da realização da perspectiva, o artista consegue atingir uma realidade da ambientação que quer expor na figura, deixando, assim, a imagem com uma sensação de realidade plausível, com formas que ampliam a percepção visual do olho humano. Além das duas técnicas apresentadas, temos a percepção de profundidade, que é a capacidade visual que o artista tem em perceber e refletir o mundo em forma tridimensional, ou seja, ver o objeto em três dimensões.

Segundo Sathler (2010, p. 37), “A profundidade que desejamos mostrar no desenho é determinada à medida que o alvo do mesmo se distancia dos nossos olhos, nos mostrando assim, que quanto mais se aumenta a distância, menor fica o foco”. Qualquer objeto, seja ele próximo ou distante, terá suas dimensões angulares medidas a partir do olhar do artista, que transfere toda sua noção de perspectiva, profundidade e sombreamento de seu alvo em medidas precisas à sua arte.

Damos destaque também a outro movimento, o Iluminismo (Ilustração/Filosofia das Luzes), cujo auge se deu através da Revolução Intelectual na área da filosofia, por volta do final do século XVII e início do século XVIII. Atribui-se a origem das “Luzes” ao surgimento

¹³Sombra: No entanto, a **sombra** é caracterizada por ser uma área que prima pela escuridão e interrompe ou obstrui a luz. [...] É utilizado basicamente para criar sombra, um espaço escuro e representar de maneira contundente a luz e a escuridão de algo em um desenho, além de dar textura à figura ou imagem. Disponível em: <<http://queconceito.com.br/sombreado>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

da revolução científica do século XVII. Neste século ocorrera um expressivo desenvolvimento filosófico e científico cujas reflexões influenciaram as ciências cartesianas como a matemática, a mecânica, a física e a química. René Descartes, Isaac Newton e John Lock ficam conhecidos como os filósofos da “Ilustração”.

É no Iluminismo que surge a enciclopédia. O homem, graças aos avanços tecnológicos, passou a registrar e divulgar suas pesquisas e descobertas. O **livro**, aqui a enciclopédia, se torna lócus do conhecimento. É nele que os saberes serão materializados, o “livro” tornar-se-á uma ferramenta de suma importância no construto intelectual humano.

Em seu único romance, *O retrato de Dorian Gray*, o escritor irlandês Oscar Wilde faz críticas ao Iluminismo a partir da personagem Dorian Gray, que, ao receber um livro de capa amarela de seu mais novo amigo, Lorde Henry, ficara fascinado. O livro narra a história de um jovem parisiense, que passa a vida inteira tentando concretizar, no século XIX, todas as paixões e modos de pensar que pertenciam há todos os séculos, exceto o dele (WILDE, 2014). O parisiense é um jovem rico e que dedica sua vida à procura de sensações estéticas, sem se preocupar com o que a sociedade ditava ser certo ou errado. Dorian acredita encontrar, no livro, a história de sua vida, escrita antes de vivê-la. O jovem inglês se sentirá influenciado a experimentar o hedonismo e a decadência a fim de sentir os prazeres da vida, buscando viver sempre através de novas experiências e sensações que o mesmo sempre desejou ter.

“Dorian Gray fora envenenado por um livro. Haveria momentos em que ele considerava o mal simplesmente como uma maneira pela qual realizar sua concepção de beleza” (WILDE, 2014, p. 173). Wilde, através do seu personagem, trata e critica a bondade, a luz e o otimismo do Iluminismo, pois é justamente através das atitudes devassas e hedonistas de Dorian Gray que ele traz à luz a sua crítica sobre o pensamento iluminista.

O Iluminismo, mais intenso na França, foi influenciado pela Revolução Francesa, em 1789, que teve por lema: “Liberdade, igualdade e fraternidade”. Logo, percebe-se que havia uma luta para que não mais houvesse diferença entre os homens no período iluminista, todas as leis, classes sociais e igualdade deveriam refletir como um todo para todos os cidadãos. Se houvessem diferenças, essas seriam no acúmulo de recursos econômicos e de bens, como a ascensão da burguesia que se dava nesse século.

O **Romantismo**¹⁴, movimento cultural e literário ocorrido entre o século XVIII e XIX na Europa e nas Américas, marca o fim das monarquias absolutistas. Assim, tem fim com o

¹⁴ Romantismo: O termo **romantismo** abrangia uma série de ideias, entre as principais estavam a natureza e o homem como portadores do espírito divino e a ânsia da comunhão harmônica entre o homem e a natureza, numa postura gnóstica. O Romantismo tem carregado o ônus de representar o anticlassicismo. Quando pensamos no

Antigo Regime, abrindo caminho para o capitalismo, uma nova ordem, guiada por princípios burgueses. Na Inglaterra, os poetas e pensadores William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge se destacam como pioneiros do movimento. Juntos, os poetas escreveram *The Preface Lyrical Ballads* (1798).

Nessa obra, William Wordsworth identifica-se com essas classes menos favorecidas, que, assim como o artista romântico, sofria com as transformações sociais em vigor. Desta forma, Wordsworth volta seu olhar para o campesinato, cuja linguagem era, para ele, a expressão do ser mais humanizado, que vivia em harmonia com a natureza, onde o folclore, o misticismo e deus abriam campo para a imaginação (FELIZOLA; MOREIRA, 2009, p. 02).

Wordsworth acaba eternizando em sua obra o processo pelo qual sua sociedade estava passando naquele período. O contato com a natureza e o hábito de refletir sobre a vida através dela aflorava ainda mais o imaginário romântico. O autor idealiza o subjetivismo, voltando-se a retratar o amor trágico, o drama humano, os ideais ilusórios do homem. “No romantismo há, também, a valorização do exótico, do pitoresco, do fantástico e do aventuroso” (AQUINO, 2012)¹⁵. Essa atitude é uma característica comum dos escritores, artistas e pensadores do Romantismo, pois envolve a arte da fantasia e do sonho, valorizando a criatividade e a imaginação popular. Segundo Aquino; “Na pintura, existe liberdade de composição, exuberância de cor, predominância da cor vermelha, contraste de luz e sombra e pinceladas livres, pastosas e irregulares.” (AQUINO, 2012)¹⁶, características que foram se desenvolvendo através dos artistas românticos e que marcam o contexto histórico dessa corrente.

A vida do homem romântico no campo foi o período onde os artistas eram pessoas que passavam grande parte do seu tempo próximo à natureza e suas peculiaridades. Eles não viam a natureza como um objeto de imitação, mas como um objeto de inspiração. O homem do romantismo era um ser que deixava toda sua inspiração e sentimento fluir junto à natureza e suas paisagens. Tudo isso era fundamental para a sua construção individual.

Apenas os temas que expressassem o sentimento individual eram valorizados. Contraditoriamente, como esses sentimentos eram universais (amor, traição, por exemplo), o romantismo torna-se uma estética que prega o sentimento individual de forma universalizada. Assim, o romantismo valorizou muito os romances epistolares – que tinham feições de cartas, como se a ficção fosse real e que traziam a os

termo romântico, surge a ideia de sentimentalismo, nostalgia e sonho, mas também o irracional, a loucura, insanidade e morte. Disponível em: <<https://historiaartearquitectura.com/2017/07/24/a-reacao-neoclassica-e-a-postura-romantica/>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

¹⁵ Trecho retirado de um vídeo na plataforma Youtube.com. Título do vídeo: O ROMANTISMO NA EUROPA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rwUsagWxleQ>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

¹⁶ Trecho retirado de um vídeo na plataforma Youtube.com. Título do vídeo: O ROMANTISMO NA EUROPA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rwUsagWxleQ>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

segredos da intimidade, relacionamentos amorosos íntimos, mas sentimentos universais. Vale ressaltar que o romance é um gênero burguês por excelência e apenas no romantismo se torna amplamente difundido. Era o romance o gênero textual capaz de dar vazão ao ideal burguês. (NASCIMENTO, 2010, s/p).

Ademais, no decorrer do século XIX, após o Romantismo, surge então a denominada Era Vitoriana, período em que a Rainha Vitória I assumiu o trono da Inglaterra durante 63 anos, de junho de 1837 a janeiro de 1901.

Este momento histórico foi marcado por grande desenvolvimento econômico e industrial, além das conquistas coloniais na África, Ásia e Oceania. Dentre as principais características do governo da Rainha Vitória I, podemos citar a restauração do prestígio da coroa britânica, fortalecimento do setor industrial (Segunda Revolução Industrial), investimento em infraestrutura (ferrovias, portos e telégrafos), supremacia política e econômica no cenário mundial, fortalecimento do capitalismo liberal, dentre outras coisas. (SANTANA, 2015 *apud* DECARLI; HERMES 2016, p. 60/61).

A entrada da Rainha Vitória na Monarquia Britânica resultou no investimento massivo na economia e cultura do país. O progresso chega e esse período é considerado o auge da Revolução Industrial, quando a Inglaterra se torna a mais importante economia do planeta. A população inglesa passa a viver em cidades, deixando a vida do campo para trás.

No período vitoriano, surge, também, a “Irmandade Pré-Rafaelita”, em inglês (*Pre-Raphaelite Brotherhood* ou PRB), movimento artístico que se deu, inicialmente, em 1848, por três importantes membros: Dante Gabriel Rossetti, John Everett Millais e William Holman Hunt. Esses três artistas consagraram a fraternidade, inspirando o retorno da pureza espiritual e pictórica da arte exercida anteriormente por Rafael, um dos renascentistas acadêmicos com grande legado na área da pintura (LITTLE, 2010). Surgida durante o período da Era Vitoriana, a Escola Pré-Rafaelita acreditava que a Arte envolvia o lado espiritual, artístico e reformador. Todavia, os princípios acadêmicos clássicos impostos naquele período foram recusados pela fraternidade.

Na escola Pré-Rafaelita, as mulheres eram representadas nos quadros com características transcendentais, ou seja, excediam os limites da beleza, do sublime, com características angelicais, belas e singelas, envoltas em cores vivas. Algumas pinturas, como a de “Ofélia”¹⁷, eternizada por John Everett Millais, trazem a sensibilidade, a ingenuidade, a beleza e o endeusamento da figura feminina. Os cabelos das deusas são longos e têm textura loira, outros de um vermelho vívido.

Em muitas de suas representações, as mulheres Pré-Rafaelitas se encontram pensativas em jardins, rodeadas de flores, árvores e lagos. Assim, tinha-se a intensão de representar a

¹⁷ Imagem em anexo.

simplicidade da natureza e do sagrado. Os Pré-Rafaelitas, todavia, acabaram ganhando apoio do crítico John Ruskin, que dizia que, pela observação com atenção aos detalhes do universo, os artistas poderiam perceber, no mundo, a presença de Deus (LITTLE, 2010). Assim, Ruskin acaba por contribuir para com a construção do pensamento da irmandade Pré-Rafaelita, que visualizava temas medievais e literários com cores brilhantes.

Com o passar do tempo, há um aumento significativo da burguesia e da classe trabalhadora nas cidades, ocasionando, assim, em um breve período, grande fartura para os investidores daquele tempo. Todavia, com o progresso do país, há, também, um aumento na desigualdade social, e muitos cidadãos passam a viver em situações precárias.

Com a industrialização, as cidades ficaram lotadas de pessoas que vinham de toda parte da Europa e da América tentar uma oportunidade na Inglaterra. Assim, uma nova corrente surgia lentamente entre os artistas, e, aos poucos, começava a tomar proporções. Esse movimento é denominado **Realismo** e surgiu na segunda metade do século XIX, na França, e acaba se expandindo para outras regiões da Europa. É nesse período que a arte e a literatura dão um enorme salto e passam a ser mais desenvolvidas e apreciadas pelas pessoas, principalmente pela burguesia.

O **Realismo**¹⁸, por outro lado, irá deixar de lado a subjetividade e a utopia do **Romantismo** e representará a realidade com objetividade e materialidade, buscando analisar o nosso comportamento, tentando retratá-lo o mais próximo possível. Essa corrente é contra a visão do idealismo e individualismo romancista. Nesse período, o homem já dominava “[...] o conhecimento científico e a técnica para interpretar e dominar a natureza, se convenceu de que precisava ser realista, inclusive em suas criações artísticas, deixando de lado as visões subjetivas e emotivas da realidade” (MARTINS, 2018, s/p). Todavia, o homem passa a representar a realidade do seu cotidiano, tanto na vida urbana como na vida do campo em pinturas, fotografias e na literatura. Segundo Martins (2018, s/p), “A arte passa a ser um meio para denunciar uma ordem social que consideram injustas; a arte manifesta um protesto em favor dos oprimidos”. Assim, muitos artistas começam a representar os problemas da sociedade inglesa, deixando registrados os transtornos que a sociedade vivenciava

¹⁸ Realismo: No início, a partir do século XVIII, na Inglaterra, e do século XIX, na França, mais do que uma técnica específica, o realismo foi compreendido como um modo de representar com precisão e nitidez os detalhes de um cotidiano burguês. Desse modo, seu sentido técnico não pôde fugir de conteúdos referentes à realidade concreta dessa classe social (e também da classe proletária, a quem comumente se relaciona o naturalismo), em oposição a assuntos lendários e/ou heroicos, ligados à aristocracia, que alimentavam as narrativas anteriores (PELLEGRINI, 2007, p. 138).

Disponível

em:
<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GzwwZy0oZg8J:revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/4119/3120+&cd=6&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

cotidianamente. A arte era o único meio concreto de representação pelo qual se podiam eternizar os feitos da época.

4 ART(IST)'S FOR ART(TIST)'S SAKE: REFLEXÕES SOBRE A ARTE NO ROMANCE *O RETRATO DE DORIAN GRAY*, DE OSCAR WILDE

4.1 *O retrato de Dorian Gray*: a materialização das ideias estéticas de Oscar Wilde

A arte e sua materialização se concretizam a partir dos sentimentos expressos pelo ser humano. Desde muito cedo o homem sentiu a necessidade de externar a sua imaginação, sua emoção, seus pensamentos etc., através das manifestações artísticas. “A função da arte não é a expressão simbólica das emoções reais do artista, porém do seu conhecimento da emoção” (OSBORNE, 1974, p. 231). Arte é contemplação, não se presta aos utilitarismos. Apenas aqueles que a deixam tocar seu espírito sentirão seu poder e magnitude.

O retrato de Dorian Gray, quando publicado em 1891 por Oscar Wilde¹⁹, foi recebido com escândalo pela sociedade da época, provocando *euforias tanto poéticas quanto bélicas*; tomamos essas palavras certeunianas (1994) que se encaixa melhor que as nossas para expressar o impacto dessa obra no período em que foi escrita.

O romance tornou-se universal e atemporal, talvez pelas temáticas abordadas, como: a beleza, a política, o desejo, o homoerotismo, o vício, a moral, a virtude, o tempo e seus efeitos sobre a jovialidade; um tempo que se desdobra em temporalidades díspares – o tempo da juventude e o tempo da velhice - temas caros para o nosso tempo que se quer pós-moderno.

A arte é uma temática central no romance de Wilde. O autor irlandês, desde o prefácio da obra, discute questões que vão do gozo estético, perpassa pela beleza, pela criação artística e desemboca na ideia da arte pela arte. Vejamos,

O artista é o criador de coisas belas. Revelar a arte, ocultando o artista, é o objetivo da arte. [...] Aqueles que encontram significados feios em coisas belas são corrompidos sem serem encantadores. Isso é um defeito. [...] O artista pode expressar tudo. [...] O vício e a virtude são para o artista materiais para uma arte (WILDE, 2014, p. 11).

O retrato de Dorian Gray é uma obra complexa, uma vez que Wilde traz em suas entrelinhas, a todo instante, como nos lembra Sebastiana Fadda (2014, s/p), “o aprofundamento das fontes inspiradoras, diretas e indiretas, bem como das correntes estéticas, filosóficas, literárias e psicanalíticas, e das respectivas teorias”, que refletem as correntes de

¹⁹ OSCAR WILDE, nascido em 16 de outubro de 1854 na cidade de Dublin, Irlanda, viveu na efervescente capital inglesa, frequentando ciclos de escritores, atores e figuras de destaque da época, sendo enaltecido por importantes figuras literárias, como o dramaturgo George Bernard Shaw, os poetas norte-americanos Walt Whitman e H. W. Longfellow, e o escritor francês Stéphane Mallarmé. (WILDE, 2014, p. 4).

pensamento do contexto em que a sua obra foi produzida. Ainda na leitura que fizemos do trabalho, em Fadda (2014, p. s/p) encontramos:

Estou tão contente que você goste desse meu livro colorido e estranho: ele tem muito de mim mesmo. Basil Hallward é o que eu penso que sou; Lord Henry é o que o mundo pensa de mim; Dorian o que eu gostaria de ser, noutras épocas, talvez. (WILDE *apud* FADDA, 2014, p. 1) – tradução nossa)

Essa passagem teria sido retirada de uma carta que Wilde endereça a Ralph Payne em 12 de fevereiro de 1894. Como se pode ler, o autor do romance nos oferece uma chave de leitura para compreender sua obra, embora, não possamos atestar a veracidade de tal carta.

No romance, Basil Hallward é um artista que se apaixona por seu modelo – o jovem Dorian Gray – cuja obra que retrata não pretende revelá-la, pois, uma vez revelada, exibiria o segredo de sua própria alma – a de Basil.

Lord Henry, um hedonista – devoto do belo – possui uma personalidade sagaz e engenhosa que, ávido por conhecer a criação de Basil – a criatura, Dorian, que lhe desperta emoções apaixonadas –, tornar-se-á seu mentor. Já Dorian Gray, personagem central do romance – modelo e criação de Basil –, possui uma beleza única e carrega o segredo que espelha a alma de seu criador. Tal criatura – Gray – descobre a sua beleza espelhando-se nos olhos dos outros, pela força do desejo se transfere para o quadro, tendo sua imagem envelhecida enquanto o seu corpo mantém uma aparência jovial a despeito do tempo.

Sybil Vane – uma jovem atriz –, após confundir o teatro com a vida, encantando o jovem Dorian Gray pela maestria que encenava no palco, troca a verdade do artifício pela arte e, sendo incapaz de recitar quando descobre a admiração de Gray e, por conseguinte, o desprezo dele por ela, suicida-se. Ora, pois, torna-se incapaz de viver sem amor, ficando sem arte em cena e sem papel no mundo, acabando por tirar sua própria vida. Seu irmão, o personagem James Vane, representa na obra as pessoas comuns que, quando muito, poderão ser heróis em imaginários “melodramas ridículos”, mas não passam de uma humanidade invisível “para os elegantes” que passeiam nos parques e frequentam os teatros.

Percebe-se, na evolução da narrativa romanesca de Wilde, que os principais personagens masculinos – Basil, Dorian, Lord – agem em triangulação constante, ou seja, suas ações dentro do romance são acionadas pelas do outro. Sybil, a personagem feminina mais importante do romance, é uma figura emblemática.

Ao pintar o Retrato de Dorian Gray, Basil põe sua alma em sua arte, ao passo que também a perde – para suas próprias obsessões. Dorian é criatura e criação (obra-prima) de Basil, ao mesmo tempo em que é uma construção discursiva de Lord Wotton sobre a pintura –

de Basil – que confunde e troca a arte (pintura) e artifício (aquilo que a arte poderia vir a ser: belo ou feio). Por imaturidade, a pintura será ignorada – na obra ela é metaforicamente a alma – e por efeito do tempo (experiência) se reconhecerá o quanto a pintura – no caso, a alma – foi desperdiçada.

A obra de Wilde não é apenas um romance, mas, sobretudo, um tratado filosófico sobre estética no século XIX. A linguagem, a forma que Wilde escolhe para dar conta da encomenda que lhe fora feita é que assume um estilo romance filosófico e será alçado mais tarde como um dos maiores tratados universais da Literatura. Uma encomenda que tem a pretensão de vulgarizar o pensamento estético na sociedade.

Lippincott [...] conheceu pessoalmente Wilde e lhe encomendou uma obra que retratasse o pensamento do Esteticismo. [...] O movimento defendia o 'belo' como única solução contra tudo que considerava denegrir a sociedade da época, onde em suas manifestações mais fortes, os valores estéticos têm predominância sobre todos os demais aspectos a vida, numa atitude elitista em relação à arte. Esse movimento, que contava com grande influência sobre toda uma nova geração de intelectuais e artistas britânicos, visava transformar o tradicionalismo na época vitoriana, dando um tom de vanguarda às artes (WILDE, 2014, p. 5).

Basil apaixonou-se por sua obra magnífica, ao ponto de desejar ser o que retrata – a arte – a criatura – que produz. Ora, como não ver algo belo em algo que nós mesmos criamos? Se não acharmos, quem fará isso por nós? “O artista é criador de coisas belas. Revelar a arte, ocultando o artista, é o objetivo da arte” (WILDE, 2014, p. 13). Se Lorde é a sociedade britânica, Wilde dirá que esta não sabe o que é Arte e, então, por meio de seu romance, irá trazer uma concepção estética para tal termo. Lorde é duplo. Ora parece-nos que é Wilde dizendo o que é Arte, ora é a sociedade vitoriana dizendo o que ela acha ser.

No final do livro, é como se Wilde aparecesse evocando Lorde e dizendo: são essas pinceladas, este retrato feio e envelhecido que vocês chamam de Arte? O quadro escondido, metaforicamente, quer nos dizer: só o artista – que no romance é Basil – sabe verdadeiramente o sentido de sua arte. Se ele revelar o sentido de sua criação, qual sentido ela teria? Toda arte é completamente inútil (WILDE, 2014, p.13). A sociedade vitoriana, não sabendo o que é Arte – ou presa a estilos tradicionalistas – é quem qualificará o retrato de Dorian como belo e não Basil, para quem ele de fato é. Desejam aprisionar suas almas no retrato e, assim, virão apenas o que os seus olhos queriam ver. “A antipatia do século XIX pelo realismo e pelo romantismo é a raiva de Calibã ao ver seu próprio rosto em um espelho”. (WILDE, 2014, p.11). É como se víssemos Wilde, em tom de deboche, falar: “antes de quererem criticar qualquer obra de arte, tomem este meu tratado”.

Na abertura do capítulo 2, no momento em que em Henry dialoga com Dorian no jardim de Hallward, ambos relevam uma concepção de beleza, como é possível observar:

O senhor tem um rosto maravilhosamente *belo*, Mr. Gray. Não franza a testa. É verdade. E a beleza é uma forma de Gênio, *é mais elevada*, na verdade, do que o Gênio, pois não precisa de explicação. *É um dos grandes fatos do mundo, como a luz do sol, ou a primavera, ou o reflexo em águas escuras daquela concha prateada a que chamamos de lua.* Não pode ser questionada. Tem seu direito divino à soberania. Transforma em príncipes aqueles que a possuem. Sorri? Ah! quando a perder, não sorrirá (WILDE, 2014, p. 43, *grifos nossos*).

No primeiro período, Lorde atesta a beleza de Gray, adjetivando-o de belo. Na quarta oração, lorde qualifica a beleza como algo incomensurável, para, num período posterior, comparar tal beleza às coisas naturais como o sol, a lua e a estação da primavera onde o belo se faz presente e próprio. Pois, o que seria mais belo que a própria natureza que o circunda (?). Na parte final: “Não pode ser questionada. Tem seu direito divino à soberania”, o autor diz que a beleza não pode ser questionada, pois sua divindade é soberana a qualquer indagação terrena e conclui dizendo: “Transforma em príncipes aqueles que a possuem. Sorri? Ah! quando a perder, não sorrirá”, Ou seja, a beleza não pode ser criada, ela apenas existe. O belo é belo por si mesmo, assim como a natureza.

Em outra passagem (quando, onde) em que Basil e Henry conversam, o pintor traz uma concepção sobre arte, que no presente momento a define como:

Às vezes penso, Harry, que há somente duas eras de alguma importância na história do mundo. A primeira é o surgimento de um novo meio para a arte, e a segunda é o surgimento de uma nova personalidade, também para a arte. Aquilo que a invenção da pintura a óleo foi para os venezianos, o rosto de Antíno o foi para a escultura grega tardia, e o rosto de Dorian Gray será algum dia para mim (WILDE, 2014, p. 27).

A fala de Basil revela que Dorian é tudo, ao comparar ele com “toda a arte”, Wilde metaforicamente indica que a simples existência de Dorian seria como o único motivo de inspiração para o artista Basil, como a Beleza, o que é a capacidade poética de cada artista perceber a arte em sua mais ampla essência.

Depois, as palavras de Wilde revelam uma crítica à própria arte: através da fala do pintor Basil, Wilde aponta que historicamente só há dois momentos importantes no mundo: quando surge um novo tipo de arte e também quando aparece uma nova celebridade para a arte. Nesses moldes, pode-se compreender que Wilde considera a arte de seu tempo, o esteticismo, um movimento artístico-filosófico como uma novidade *avant garde*, uma vez que ia contra as ideias estéticas e morais de sua época.

Por conseguinte, Dorian seria também esse surgimento de personalidade artística que é capaz de fazer toda a arte (de Basil) ter sentido, ser beleza e despertar as mais distintas sensações. Sensações, aliás, é uma das palavras-chave dos estetas.

Na parte final do fragmento, Wilde utilizando-se de seu personagem Basil, a partir do diálogo que estabelece com Henry, traz explicitamente um conceito de Arte. A Arte, a “verdadeira” Arte, estaria localizada na pintura e, após tal assertiva, estabelece, como se pode ver no excerto texto: “o rosto de Antíno o foi para a escultura grega tardia, o rosto de Dorian Gray será algum dia para mim”, dois marcos para Arte.

A escrita e as considerações filosófico-artísticas de Wilde acabaram sendo uma inovação para o seu tempo, principalmente quando escreveu *O retrato de Dorian Gray*, cuja finalidade artística “é explicar ao próprio artista, e aos que o cercam, para que vive o homem, e qual é o significado da sua existência”, diz Tarkovski (2002 *apud* ABREU-BERNARDES, 2007, p. 06). Com tamanha ousadia, o irlandês pagou caro por tal atitude, perdeu toda sua fortuna e prestígio que havia conquistado. Por outro lado, acabou deixando um legado para as sociedades posteriores.

De volta ao romance, após algumas horas pintando Dorian, finalmente Basil finaliza sua maior obra de arte, o famoso retrato de Dorian Gray: “É o seu melhor trabalho, Basil, a melhor coisa que você já fez” (WILDE, 2014, p. 17), quando Henry revela, em êxtase, sua admiração e tamanha perfeição da pintura.

É uma arte exatamente como os gregos fariam em seu tempo com as esculturas. Segundo Osborne (1974, p.17), “[...] os artistas gregos haviam sido capazes de “corrigir a natureza por intermédio dela mesma” e realizar o tipo de “beleza superior” que é a meta de toda a arte”. Assim, Basil concretiza sua arte, deixando-a ainda mais perfeita que a própria natureza. Todavia, ao imaginar a beleza do jovem Gray, Wilde a pensou superior a qualquer beleza vinda da natureza, uma beleza que apenas a arte poderia expressar.

Ademais, com a sua beleza física materializada na tela do quadro de Basil é possível observar a reação e os pensamentos de Dorian Gray sobre sua própria beleza, o que faz o jovem começar a despertar uma autoadmiração:

[...] Ao vê-lo, recuou, e suas faces coraram de prazer por um instante. Uma expressão de alegria surgiu em seus olhos, como se ele houvesse se reconhecido pela primeira vez. Ficou parado ali, imóvel, assombrado, vagamente consciente de que Hallward estava falando com ele, mas sem captar o significado de suas palavras. O sentido de sua própria beleza o atingiu como uma revelação. Ele nunca o havia sentido antes. Os elogios de Basil Hallward lhe pareciam apenas os exageros encantadores da amizade. Ele os ouvira, rira deles, e os esquecera. Não tinham influenciado sua natureza. Então surgiu lord Henry, com seu estranho panegírico sobre a juventude, a terrível advertência sobre a sua brevidade. [...] Sim, haveria um

dia em que seu rosto ficaria enrugado e murcho, seus olhos vagos e baços, a graça de sua figura rompida e deformada. O escarlate desapareceria de seus lábios, e o dourado se esquivaria de seus cabelos. A vida que deveria servir sua alma desfiguraria seu corpo. Ele se tornaria objeto, horrível e tosco (WILDE, 2014, p. 47).

Ao ver seu retrato como se fosse um espelho, primeiramente, Dorian espanta-se, uma vez que até aquele momento o jovem não tinha se dado conta de sua tamanha beleza. Tal percepção lhe desperta alegria, ou surpresa, como uma criança que estivesse se reconhecendo pela primeira vez diante de uma fotografia ou de um espelho. Além disso, a mistura das sensações que Dorian sente ao se ver no retrato são múltiplas: o narrador nos revela que o rapaz se sente assombrado, imóvel, inconsciente, admirado, feliz, entre outras. Esses vocábulos também nos levam a considerar as percepções estéticas de Wilde, que considerava a filosofia de que “as sensações são os detalhes que constroem a história de nossa vida” (WILDE, 2014, p. 45). Mesmo os elogios de Basil à sua beleza eram tratados por ele como exageros ou lisonjas de amizade. Por outro lado, durante o momento que Dorian contempla sua beleza, Lord Henry expõe seus pensamentos acerca da efemeridade da beleza, o que nos faz lembrar o soneto XVIII de William Shakespeare:

SONNET XVIII	SONETO 18
Shall I compare thee to a summer's day? Thou art more lovely and more temperate: Rough winds do shake the darling buds of May, And summer's lease hath all too short a date:	Se te comparo a um dia de verão És por certo mais belo e mais ameno O vento espalha as folhas pelo chão E o tempo do verão é bem pequeno.
Sometime too hot the eye of heaven shines, And often is his gold complexion dimm'd; And every fair from fair sometime declines, By chance or nature's changing course untrimm'd;	Às vezes brilha o Sol em demasia Outras vezes desmaia com frieza; O que é belo declina num só dia, Na terna mutação da natureza.
But thy eternal summer shall not fade Nor lose possession of that fair thou owest; Nor shall Death brag thou wander'st in his shade,	Mas em ti o verão será eterno, E a beleza que tens não perderás; Nem chegarás da morte ao triste inverno:
When in eternal lines to time thou growest: So long as men can breathe or eyes can see, So long lives this and this gives life to thee.	Nestas linhas com o tempo crescerás. E enquanto nesta terra houver um ser, Meus versos vivos te farão viver (SHAKESPEARE, 2009, p. 03) ²⁰

No soneto, em específico nessa tradução de Bárbara Heliodora (2009), o eu-lírico inicia comparando a beleza do seu amante (masculino) com a efemeridade do verão, apontando que o seu amor é melhor e mais duradouro que o verão, revelando, assim, a

²⁰ Tradução de Bárbara Heliodora, disponível em: <<https://cantodedesassossego.wordpress.com/tag/traducao-de-barbara-heliodora/>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

eternização do sentimento. Ademais, percebemos também a inconstância da beleza do amado, que, às vezes, é fria.

No segundo quarteto a metáfora é do “sol como um olho do céu” e seu brilho é comparado ao ouro. Este anuncia como verão pode ser imperfeito, uma vez que é extremamente quente, ao mesmo tempo que possui um valor numa determinada medida. No sétimo verso, é afirmado que toda a beleza das coisas pode sair do seu estado de beleza por mudanças naturais ou acidentais (TELES, 2016, par. 11).²¹

No terceiro quarteto, o eu-lírico revela que o verão (a Beleza) do amado será eterno e não morrerá com a frieza do inverno e, por fim, ele afirma que o seu amante viverá eternamente através das palavras do poema, o que nos faz compreender sobre o poder da arte em eternizar a beleza nas mais distintas formas.

Através do narrador, temos acesso ao discurso de Lorde Henry, o qual revela a Dorian que sua beleza física desaparecerá com o tempo, quando sua juventude se esvaír, o que deixa o rapaz triste e pensativo. Lorde Henry continua a relevar pessimistamente a Dorian que com o passar dos anos seu rosto se enrugaria e todas as suas formas graciosas se tornariam deformadas, o que o tornaria feio.

Porém, a partir do quadro, onde a beleza de Dorian foi eternizada/enclausurada por Basil, Dorian Gray acaba se dando conta do quão radiante é sua beleza, mas efêmera.

Como é triste!” murmurou Dorian Gray, com os olhos ainda fixos em seu próprio retrato. “Como é triste! Eu ficarei velho, e horrendo, e medonho, Mas esse retrato permanecerá sempre jovem. **Ele jamais envelhecerá além deste dia particular de junho...** [...] **“Eu tenho ciúmes de qualquer coisa cuja beleza nunca morre.** Tenho ciúmes do retrato que você pintou de mim. Por que ele deveria conservar o que eu devo perder? **Cada momento que passa tira algo de mim e dá algo a ele.** Ó, se ao menos fosse o contrário! Se o retrato pudesse mudar, e eu pudesse ser sempre o que sou agora! Por que você pintou? Algum dia ele vai zombar de mim, vai zombar terrivelmente!” (WILDE, 2014, p. 49 – grifos nossos).

No trecho do romance, acima, percebemos também um paradoxo entre a beleza e a feiura que o retrato de Dorian representa: a beleza materializada no quadro será eternizada na pintura, enquanto a beleza de Dorian durará pouco tempo, tanto quanto sua juventude. Logo, compreendemos que a beleza da arte é eterna, não se esvai com o tempo.

Ao levarmos essa afirmação para o contexto da história da arte, pensamos quantas obras canônicas, pintadas há séculos, eternizam as mais distintas concepções de beleza em suas épocas. Mona Lisa (La Gioconda), de Leonardo da Vinci, por exemplo, com mais de quatro séculos de existência, é ainda considerada uma das obras de arte mais emblemáticas da Pintura.

²¹ Retirando de <<http://dialectica-literaria.blogspot.com/2016/10/soneto-xviii-shakespeare-versao-em.html>>.

Nesse sentido, a referência ao tema eternização da beleza no soneto de Shakespeare é percebida na fala de Dorian quando ele diz que tem ciúmes das coisas que a beleza não acaba com o tempo. Portanto, o rapaz teria ciúmes de si mesmo, de sua beleza eternizada no quadro pintado a óleo. O jovem Narciso²² passa a refletir sobre sua beleza e juventude, preocupando-se com o tempo e com a rapidez com que a sua beleza será “sugada”. Nesse trecho, ocorre um dos momentos mais importantes do texto: Dorian acaba por fazer um pedido, como se quisesse verdadeiramente tudo aquilo que falou. Deseja que seu corpo e, conseqüentemente, sua beleza não mudem através dos tempos, enquanto o seu quadro carregue todas as marcas/imperfeições advindas do tempo e de suas atitudes.

Diante de seu retrato, Dorian suplica: “se ao menos fosse o contrário! Se fosse eu que permanecesse sempre jovem e o retrato envelhecesse! Por isso... por isso... eu daria tudo! Sim, não há nada em todo o mundo que eu não daria por isso!” (WILDE, 2014, p. 49). Porém, seu pedido é atendido de forma estranha e sobrenatural, termo que na teoria literária é geralmente referido à presença de monstros, espíritos, fantasmas, entre outros seres imaginários, “sem mencionar magia, feitiçaria, maravilhas, talismãs, a atmosfera sinistra e a presença do estranho; qualquer coisa supranormal e além da percepção sensorial” (CUDDON, 2013, p.695).²³

Ademais, o sobrenatural relaciona-se também ao estranho e/ou maravilhoso, como aponta Baldick (2001), definindo tais termos como:

[...] um tipo de estranheza perturbadora evocada em alguns tipos de história de terror e ficção relacionada. Na teoria de Tzvetan Todorov sobre O Fantástico, **o estranho é um efeito produzido por histórias em que os eventos incríveis podem ser explicados como produtos do sonho, alucinação ou ilusão do narrador ou protagonista.** [...] Nos contos do maravilhoso, por outro lado, nenhuma explicação psicológica é oferecida, e eventos estranhos são tomados para ser verdadeiramente sobrenatural (BALDICK, 2001, p. 267 – grifos nossos).²⁴

Assim, o pedido de Dorian Gray é atendido através de elementos do sobrenatural, pois no romance não ocorre qualquer explicação para tal ocorrido, admitindo-se, então, a

²² Narciso: O mito de Narciso possui várias versões, mas é recorrente a narrativa de um belo jovem que se apaixona por sua própria imagem refletida nas águas de um lago. A versão literária mais conhecida é a que se encontra em *As Metamorfoses* (756- 762 d.C), de Ovídio (711-771 d.C). (ABREU-BERNARDES, 2011, p. s/p). Disponível em: <<http://revistas.uniube.br/index.php/anais/article/viewFile/440/459>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

²³ “A very comprehensive term which may be applied to any sort of story which in some way makes use of ghosts, ghouls, spectres, apparitions, poltergeists, good and evil spirits and things that go bump in the night; not to mention magic, witchcraft, marvels, talismans, the eerie atmosphere and the presence of the uncanny; anything supranormal and beyond sensory perception”.

²⁴ “a kind of disturbing strangeness evoked in some kinds of horror story and related fiction. In Tzvetan Todorov’s theory of The Fantastic, the uncanny is an effect produced by stories in which the incredible events can be explained as the products of the narrator’s or protagonist’s dream, hallucination, or delusion. [...] In tales of the marvellous, on the other hand, no such psychological explanation is offered, and strange events are taken to be truly supernatural”.

anormalidade ou o sobrenatural dos fatos que ocorrem quando a pintura de Dorian Gray envelhece, tornando-se feia. Sua “feitura” (ou seus atos imorais) serão aprisionados no quadro, o mesmo refletirá a imagem de sua alma, mostrando silenciosamente as marcas de sua imperfeição e imoralidade.

Na narrativa, Dorian Gray se apaixona por uma jovem atriz chamada Sibyl Vane. A atriz atua em um teatro de terceira categoria na cidade de Londres. Sobre o relacionamento amoroso de Dorian, Henry revela para Basil: “Dorian Gray se apaixonou por uma bela menina que representa Shakespeare, e se propõe a casar-se com ela” (WILDE, 2014, p.79). Para Dorian, a atriz Sibyl representa impecavelmente os personagens de Shakespeare; mas ele se apaixona pela forma que a atriz os interpreta e não pela atriz em si. O jovem, encantado com tamanha perfeição na dramatização da garota, finalmente a pede em casamento.

É através desse pedido que a atriz percebe que o amor está além dos contos e das peças teatrais interpretadas no palco. A garota se sente feliz pela primeira vez, pois acredita ter encontrado seu verdadeiro amor. Sibyl conversa no camarim com Dorian após uma péssima apresentação em que atuara:

“Dorian, Dorian”, exclamou ela, “antes de conhecê-lo, representar era a única realidade da minha vida. Era só no teatro que eu me sentia viva. Pensava que era tudo verdade. Eu era Rosalinda em uma noite e Pórcia na outra. A alegria de Beatriz era a minha alegria, e as tristezas de Cordélia eram também as minhas. Eu acreditava em tudo. [...] Os cenários pintados eram o meu mundo. Eu não conhecia nada a não ser sombras, e acreditava que elas eram reais. Você veio – ó, meu lindo amor! – e libertou a minha alma da prisão. Você me ensinou o que é a realidade de fato (WILDE, 2014, p. 93).

Sibyl revela que ser a atriz a possibilitara a ela ser o que quisesse, podendo ser várias personagens. No teatro, o lugar onde tudo é faz de conta, pois as pessoas interpretam outras, é onde a moça se sentia realizada. Sibyl revela ao seu amado várias personagens de Shakespeare que interpretou em suas peças e que ela acreditava em todo aquele faz de conta, logo, ela não conhecia a vida além do teatro, dizendo que acreditava em tudo aquilo. A fala de Sibyl sobre os cenários pintados também expressa uma referência às prováveis pinturas e cenários desenhados no teatro, a fim de dar um tom mais realista à encenação.

Entretanto, com a paixão que Dorian lhe despertara, tudo aquilo não tinha mais sentido para ela, pois Dorian havia a libertado da prisão de não ser ela mesma, ensinando-a o que era a realidade além da atuação. A jovem atriz apaixonada, inocentemente, externa a Dorian Gray: “Você me trouxe algo mais elevado, algo do qual toda arte não é senão um reflexo. Fez-me entender o que o amor” (WILDE, 2014, p. 93). A fala de Sibyl nessa última citação revela-nos uma crítica que Wilde faz em relação ao amor e à arte: o amor é representado

como o sentimento mais elevado que alguém pode sentir, além de ser reflexo de tudo o que a arte reproduz.

Embora Dorian fosse um rapaz que transparecesse ingenuidade, após ver sua imagem retratada no quadro e ouvir os discursos de lorde Henry sobre os prazeres da vida, começa a mudar a sua forma de pensar. Henry afirma para Basil: “O retrato que você fez dele despertou a sua apreciação da aparência pessoal de outras pessoas. Teve esse excelente efeito, entre outros” (WILDE, 2014, p. 79), efeitos esses que se fazem presentes no romance, principalmente na mudança da personalidade Dorian Gray, que se torna frívolo, vaidoso e, de fato, hedonista.

Depois que Dorian escuta as palavras de Sibyl sobre seu amor por ele, acaba perdendo todo o encanto por ela, visto que sua amada passa a odiar tudo aquilo que um dia viveu no teatro. Dorian, então, diz à moça: “Você matou o meu amor. Costumava excitar a minha imaginação. Agora não excita nem mesmo a minha curiosidade. Simplesmente não causa efeito algum. Eu a amava porque você era maravilhosa, porque tinha genialidade e intelecto.” (WILDE, 2014, p.95). Após esse acontecimento, Dorian Gray rompe seu relacionamento com a garota ao qual um dia disse amar. Sua percepção de amor, logo se revela tão passageira quanto a sua própria beleza, que desaparece rapidamente.

Nesse contexto, há também uma crítica de Wilde sobre a artificialidade do ser e da arte. Dorian Gray amava Sibyl Vane só enquanto ela representava personagens, representava a beleza da arte teatral; a partir do momento que Sibyl desiste da vida de atriz para dedicar-se a Dorian, os sentimentos de Dorian cessam. Ele amava sentir as sensações que a atuação de Sibyl lhe despertava, mas quando elas findam, o encanto parece ter acabado. A primeira frase que Dorian diz a Sibyl: “Você matou o meu amor”, também faz uma referência à “Balada do Cárcere do Reading”²⁵:

No entanto (ouvi!) cada um mata o que adora:
o seu amor, o seu ideal.
Alguns com uma palavra de lisonja,
outros com um frio olhar brutal.
O covarde assassina dando um beijo,
o bravo mata com um punhal (WILDE, 2010, p. 26).²⁶

²⁵ Eleita a maior carta de amor da história, muitos críticos asseguram que Oscar Wilde a escreveu para seu amante Lord Alfred Douglas (Bosie), quando foi preso pela publicação do seu romance “O retrato de Dorian Gray” e por outras acusações de “indecência”.

²⁶ Retirado do site: <<https://homeoesp.org/livros-online/oscar-wilde-balada-do-carcere-de-reading.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

Após o término do relacionamento com Dorian, Sibyl Vane se suicida, e é a partir de sua morte que o retrato de Dorian, pintado por Basil, passa a expor as imperfeições das ações (imorais) da alma de Dorian, que aos poucos se mostrarão horrendas:

Quando passava pela biblioteca na direção de seu quarto, seu olhar pousou sobre o retrato de que Basil Hallward havia pintado. Recuou, surpreso, e então foi até o quadro e o examinou. [...], o rosto lhe parecia um pouco mudado. [...] Poderia se dizer que havia um toque de crueldade na boca (WILDE, 2014, p. 97).

No trecho acima, é possível identificar a primeira mudança na alma de Dorian, a qual o quadro reflete. A partir desse encontro curioso com sua própria alma, aprisionada no quadro, o jovem rapaz resolve esconder a pintura em um quarto no último andar de sua mansão deixada como herança por seu tio.

Dessa maneira, com a mudança da fisionomia do seu rosto no retrato, Dorian Gray tem sua beleza física inalterada. A beleza ainda garantida pelos “deuses” irá permanecer em seu rosto. Todavia, essa qualidade, que é a beleza exteriorizada, acaba por nos fazer perceber o quanto o belo nos atrai, talvez por haver harmonia nas linhas que a compõem ou por simplesmente ser algo que nos transmite um sentimento de bondade, de encantamento. Dorian é lindo fisicamente, mas feio, horrível, moralmente. Em uma passagem, é possível ver a dualidade do jovem Dorian. “Cada um de nós tem o Céu e o Inferno dentro de si, Basil.” (WILDE, 2018, p. 187).

O dualismo ou duplo presente na literatura alcançou no século XIX o seu auge. A origem do tema surge através de crenças e mitos de povos antigos, o duplo está ligado à dicotomia entre bem e mal, céu e inferno. Conforme Nicole Fernandez Bravo: “o duplo começa a representar o heterogêneo, com a divisão do eu chegando à quebra da unidade – no século XIX – e permitindo até mesmo um fracionamento infinito, como se dá no século XX” (BRAVO, 2005 *apud* ARAÚJO, 2016, p. 42). Assim, o duplo se fez presente em diversos tempos, mostrando o dualismo humano presente em diferentes contextos.

Com o passar do tempo, o jovem Dorian acaba se corrompendo as mais diversas práticas hedonistas. Com isso, o seu retrato adquire ainda mais imperfeições, devido às suas práticas imorais:

O que o verme era para o cadáver, seus pecados seriam para a imagem pintada na tela. Arruinariam a sua beleza e devorariam a sua graça. Maculariam-na e a tornariam vergonhosa. E mesmo assim continuaria viva. Estaria sempre viva” (WILDE, 2014, p. 137).

O narrador expõe uma relação de dependência entre os pecados de Dorian e a sua beleza representada na tela. Eles seriam o catalisador para que a beleza no retrato se acabasse

e tornasse a arte, já bela um dia, feia, mas, mesmo sendo feia e perdendo a beleza, ela sempre estaria lá presente, pois a arte é eterna. O retrato, assim, estaria sempre lá, presente diante de si, servindo como um espelho para si, que mostraria a feiura de suas ações.

Numa das últimas vezes que Dorian se encontra com Basil Hallward, lhe diz:

Anos atrás, quando eu era um rapaz”, disse Dorian Gray, “você me conheceu, dedicou-se a mim, lisonjeou-me e me ensinou a me gabar de minha boa aparência. Um dia você me apresentou a um amigo seu, que me explicou o milagre da juventude, e terminou um retrato meu que me revelou o milagre da beleza. Em um momento de loucura, que, mesmo agora, não sei se lamento ou não, eu formulei um desejo. Talvez você o chame de uma prece...” (WILDE, 2014, p. 187).

Depois de muito tempo, Dorian anuncia a Basil sobre o seu desejo antigo que revelou-lhe a beleza, explicando que não sabe se seu desejo de outrora foi bom ou ruim, ao nosso ver, o jovem transparece uma ar de arrependimento, pois percebeu que o que desejara foi em vão.

O praticante do hedonismo – Dorian – de rosto belo e de uma juventude causadora de inveja a qualquer um que o conhecesse, pratica o ato mais cruel, decadente, vergonhoso e demoníaco que uma pessoa poderia cometer. Em um momento de vingança ou escapatória, Dorian acaba cravando em seu amigo uma faca que perfura a veia atrás do ouvido, levando o pintor a óbito.

Após matar Basil, Dorian Gray encararia sua própria alma plasmada no seu retrato. Sua beleza moral se esvairia por completo após essa atitude. Assim, Dorian finaliza o romance golpeando o seu próprio retrato, ou seja, sua alma, e, a fim de acabar com aquele quadro pintado outrora por Basil, acaba matando a si próprio:

Do mesmo modo que matara o pintor, ela mataria a obra do pintor, e tudo o que ela significava. Mataria o passado, e quando estivesse morto ele seria livre. Ele a agarrou, e com ela apunhalou o quadro, rasgando-o de alto a baixo (WILDE, 2014, p. 223).

No final do romance, Dorian vê que tudo que ele mais admirava em si, que era a sua própria beleza, não valia mais nada, uma vez que ele pensava ter vivido todos os prazeres da vida carnal, o que o fez sentir-se sozinho e arrependido de seus atos imorais. Assim, ele mata o que ele sempre considerou belo, a sua beleza física, o que nos faz voltar ao aforismo de Oscar Wilde, no prefácio do romance: “Toda arte é completamente inútil” (WILDE, 2014, 13), nos expondo que a arte não serve para nada além de prover prazer ao homem.

Dorian só viveu plenamente no prazer porque era belo e, mesmo assim, isso não o levou à plenitude, o que só foi encontrar no suicídio. Ao lançar um punhal no seu quadro, Dorian mata a arte, agora feia e monstruosa, pois ele não queria se ver feio no retrato. Mas a

feiura do quadro também volta-se contra ele, como uma reação física, matando-o. Finalmente, percebemos que há outra relação de dependência entre a beleza e arte, uma depende da outra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *O retrato de Dorian Gray*, como foi possível observar, não se trata apenas de um romance, mas de um tratado filosófico sobre o que foi/é a estética nas concepções de Oscar Wilde. O escritor se utilizou de artifícios/ferramentas estéticas para falar sobre as bases da arte e a essência da beleza em sua obra. Após sua publicação, foi notório para Wilde o que ele sempre esperou do século XIX; a sociedade inglesa, fina e de aparente bom gosto não sabia o que era arte, muito menos beleza.

Ao escrever seu livro, Wilde utiliza-se de metáforas para construir seu épico romance. Como visto, os personagens masculinos agem em triangulação, influenciando uns aos outros. Os personagens representam os pensamentos do Autor, Wilde, mas também da sociedade vitoriana do século. Ao criar seus personagens, Wilde esteve consciente de como abordar seu tema se utilizando da dualidade para brincar com os pensamentos. Assim, mergulhando na criação de seus personagens, ora ele irá se utilizar de Basil, quem ele é, ora de Henry, que as pessoas pensam que verdadeiramente ele seja, ora de Dorian, quem um dia ele sonhou ser.

O esteta, ao criar o quadro que reflete a imagem de Dorian – sociedade vitoriana –, irá criticar, através da imagem, a beleza – **Romantismo**, que, ao passar do tempo, com as influências dos desejos pecaminosos, do egoísmo, do pecado, da luxúria, entre outros, irá sucumbir. O belo do quadro é o romantismo, após a industrialização vem à transformação social, assim, Wilde representa o **Realismo** e sua decadência hedionda. O quadro representa as mudanças sociais e o pensamento moral daquele período que transitou de um Romantismo de desejos utópicos para um Realismo que não suportava a subjetividade e o ideal.

Wilde conseguiu atingir o papel principal da arte – que é o de causar inquietações nos que a observam. Quando Wilde retrava a imagem de Dorian disforme no quadro, ele queria, na verdade, mostrar à sociedade que ela também era disforme. Não foi o autor que deu sentido à sua obra, mas foi o público que, ao ler a obra, se viu dentro dela, tomado de pensamentos intrigantes sobre o livro.

Oscar Wilde se utilizou de uma metáfora – utilizou-se de Lorde Henry para dar-lhe um dualismo. Hora Henry era Wilde dizendo o que a sociedade era, ora era o próprio Lorde Henry (sociedade) olhando o quadro para dizer que a pintura se tratava do Romantismo e do Realismo. Ou seja, Wilde se utilizou da imitação da realidade para alcançar o seu objetivo, pois é através das percepções do real que os criadores modificam intencionalmente a natureza. A estética irá investigar e compreender as emoções, as ideias e os juízos que se despertam ao observar determinada arte. “Revelar a arte, ocultando o artista, é o objetivo da arte” (WILDE,

2014, p. 11), pois “A Beleza está nos olhos de quem vê, ou seja, a beleza está na alma”, citando um ditado popular sobre a relativização da beleza.

REFERÊNCIAS

ABREU-BERNARDES, Sueli Teresinha. O mito de Narciso: uma reflexão fenomenológica. Anais do Encontro de Pesquisa em Educação e Congresso Internacional de Trabalho Docente e Processos Educativos. **Revista e Anais Uniube**, v. 1, n. 1 (2013). Disponível em: <<http://revistas.uniube.br/index.php/anais/article/viewFile/440/459>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

_____. Narciso ao Espelho: reflexões de uma educadora sobre a escrita poética roseana. In: **30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, 2007**, Caxambu-MG.: ANPED, 2007. v. 01. p. 01-16. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-2768--Int.pdf>. Acessado em: 30 mai. 2018.

ACIDINI, Cristina; DELPRIORI, Alessandro. **Mestres do renascimento**: obras primas italianas. São Paulo: Base7 Projetos Culturais, 2013.

ANDRADE, F. **Humanismo Literatura Portuguesa**. Disponível em: <<http://proenem.sites.ufms.br/files/2013/03/5.-Humanismo.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

ARAÚJO, Sandra Fátima da Silva. **O duplo na obra O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde**. 2017. 100 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia - GO.

AMARAL, S. R. do. Princípios do Movimento Estético: Walter Pater e Oscar Wilde. **Revista Estudos Anglo-Americanos**, n. 34, 2010, p. 43-67. Disponível em: <<http://reaa.ufsc.br/index.php/reaa/article/view/2232/1269>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

ALBUQUERQUE, M. Cor e os Tratados do Renascimento. In: _____. **História da arte e arquitetura**, 2017. Disponível em: <https://historiaartearquitetura.com/2017/07/15/cor-e-os-tratados-do-renascimento/#_ftn10>. Acesso em: 26 abr. 2018.

ALBUQUERQUE, M. A reação neoclássica e a postura romântica. In: _____. **História da arte e arquitetura**, 2017. Disponível em: <<https://historiaartearquitetura.com/2017/07/24/a-reacao-neoclassica-e-a-postura-romantica/>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

BALDICK, Chris. **The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms**. / Oxford University Press, Second edition published 2001.

CAMPOS, V. F. de A. O homem como centro do mundo: Iluminismo, esclarecimentos situantes. **Wall Street International Magazine**, Salvador, Bahia. 2016. Disponível em: <<https://wsimag.com/pt/cultura/20469-o-homem-como-centro-do-mundo>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. V. 1 Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

DAMASCENO, J. C. A estética kantiana: o belo, o sublime e a arte. **Intuição**, v. 8, n. 2, Porto Alegre, dez. 2015, p.146-158. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuicao/article/viewFile/18840/14206>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

D'ÁVILA, F., & SANTOS, D. P. dos. Realismo / Naturalismo. In: **IESDE Brasil S.A. / Pré-vestibular**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008, p, 01. Disponível em: <<http://www.vestibulardauerj.com.br/wp-content/uploads/2014/04/Realismo-Naturalismo.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2018.

DOMINGUES, J. E. A beleza da Grécia Antiga ao Século XIX. In: **Ensinar História**, 2015. Disponível em: <<http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/a-beleza-na-grecia-antiga-e-hoje/>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Trad. Eliana Aguiar. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 333.

FADDA, S. A sublime beleza do eterno perecível. **Sinais de cena**, n. 21, Junho 2014. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/13153/10096>>. Acesso em 10 mai. 2018.

FELIZOLA, C.; MOREIRA, J. O Romantismo Inglês e o Romantismo Brasileiro na Literatura. In: **Projeto BRIDGES**, 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/veralima/romantismo/ensaios/romantismo_ingles_brasileiro_g3i_a.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2018.

FUNARI, P. P., & CAVICCHIOLI, M. R. A arte parietal romana e diversidade. **Revista de história da arte e arqueologia**, n. 23, jan/jun., 2015. Campinas, São Paulo: Unicamp/IFCH. p. 11-144. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/atas/atas-IEHA-v3-111-124-funari-cavicchioli.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

GASPARELLI JUNIOR, L. G.. Oscar Wilde, A Ética da Decadência e a Estética da Mentira. In: **XII Congresso Internacional da ABRALIC**. Curitiba: UFPB, 2011.

GILSON, Étienne. **Introdução às artes do belo**. Trad. Érico Nogueira. São Paulo: É Realizações, 2010.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Trad. Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GUERGOLET, R. J. **O Esplendor das Artes Gregas e Romanas**, 2008. Disponível em: <<http://insanarte.blogspot.com/2009/04/o-esplendor-das-artes-gregas-e-romanas.html>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

HERMES, E, S. & DECARLI, M. N. A Era Vitoriana Segundo “O Retrato De Dorian Gray”, De Oscar Wilde. **ÁGORA Revista Eletrônica**. Ano XI. n. 22, p. 61. Junho de 2016. Disponível em: <http://agora.ceedo.com.br/ojs/index.php/AGORA_Revista_Eletronica/article/viewFile/224/199>. Acesso em: 28 fev. 2018.

HUGO, VICTOR. **Do Grotesco e do Sublime**. Tradução do “Prefácio de Cromwell”. Trad. Celia Berretini. 3.ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 2010.

JUVENIL, A. **Estudo de desenho**: perspectiva. Disponível em: <<http://www.sobrearte.com.br/desenho/perspectiva/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

LITTLE, S. **Ismos**: para entender a arte. São Paulo: Globo, 2010.

MARTINS, S, R.; IMBROISI, M, H. **Impressionismo**. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-19/realismo/>>. Acesso em: 03 mai. 2018.

_____. **Arte Gótica**. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-medieval/arte-gotica/>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, F; CAMPOS, M. (orgs). **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

OSBORNE, H. **Estética e teoria da arte**: uma introdução histórica. Trad. Octavio Mendes Cajado. 2. ed. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

PELLEGRINI, T. Realismo: postura e método. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dezembro 2007. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GzwwZy0oZg8J:revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/4119/3120+&cd=6&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

PEREIRA, T.; LESSA, Simone Narciso. Um Bestiário Pré-Histórico? A Pré-história através das pinturas rupestres. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, v. 21, p. 28-51, 2014.

QUECONCEITO. **Sombreado**. São Paulo. Disponível em: <<http://queconceito.com.br/sombreado>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

SALDANHA, N. Arte popular, arte erudita e multiculturalidade: Influências, confluências e transculturalidade na Arte Portuguesa. **Portugal Intercultural**: Razão e Projecto, vol. III, Lisboa: CEPCEP/ACIDI, Dez. 2008.

SATHLER, E, M, de L. Desenhos e Pinturas. In: **O Professor PDE e os desafios da Escola Pública Paranaense**: produção didático-pedagógica. Secretaria De Estado Da Educação Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE. Curitiba. 2010, p. 37. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2009_e_mhap_arte_md_edi_marisa_de_lara_sathler.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2018.

SOUZA, O, M. & PEREIRA MELO, J, J. O Hedonismo De Epicuro e o Hedonismo da Escola Cirenaica. In: **Anais do Seminário de Pesquisa do PPE**: Universidade Estadual de Maringá, 12 a 14 de Junho de 2013. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_04/127.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2018.

TALON-HUGON, Carole. **A estética**: história e teorias. 1ª ed. Lisboa: Texto & Grafia, 2009 (Biblioteca Universal).

TELES, I. Soneto XVIII - Shakespeare (Versão em Português). *Dialética Literária*, 2016. Disponível em: <<http://dialectica-literaria.blogspot.com/2016/10/soneto-xviii-shakespeare-versao-em.html>>. Acesso em: 27 mai. 2018

TODOROV, TZVETAN. **A beleza salvará o mundo. Wilde, Rilke e Tsvetaeva**: os aventureiros do absoluto. Trad. Caio Meira. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

TRUFANO, D. **História da Arte**. 2013. (58m03s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OmbX8Kq31j8>>. Acesso em: 11 dez. 2017

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**: Primeira Versão de 1890. The Picture of Dorian Gray / Oscar Wilde. Trad. e notas Doris Goettems. São Paulo: Editora LANDMARK, 2014.

WILDE, Oscar. **A Decadência da Mentira**. 2018. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=208926>. & <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000852.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

Sites usados para consulta durante a pesquisa:

<<http://www.joinville.ifsc.edu.br/~sergio.sell/m%C3%B3dulo%206/%C3%A9tica%20do%20epicurismo%20e%20do%20estoicismo.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

<<http://umolharsobrearte.blogs.sapo.pt/9370.html>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

<<http://umolharsobrearte.blogs.sapo.pt/6628.html>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

<<http://historia-da-arte.info/o-que-e-arte.html>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

<<https://www.infoescola.com/curiosidades/historia-do-livro/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

Trecho retirado de um vídeo na plataforma Youtube.com. Título do vídeo: O ROMANTISMO NA EUROPA. (4m02s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rwUsagWxIeQ>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

ANEXOS



Vênus de Milo – (130 a.C). Artista: Alexandre de Antioquia

<https://www.portalaz.com.br/blog/dom-severino/149121/venus-de-milo-escultura-e-historia>



Ophelia - (1851-2). Artista: John Everett Millais. A imagem representa a perspectiva Pré-
rafaelita

<http://encontroscomarte.blogspot.com/2013/08/ophelia-de-jonh-everett-millais.html>



As respingadoras do Trigo – 1857. Artista: Jean François Millet (1814-1875). A imagem representa o renascimento naturalista.

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/58/Jean-Fran%C3%A7ois_Millet_%28II%29_-_The_Gleaners_-_WGA15691.jpg



Escola de Atenas – 1509–1511. Artista: Rafael. Imagem representa os efeitos de sombreamento, perspectiva e profundidade.

<http://lucienefelix.blogspot.com/2015/05/renascimento-rafael-e-escola-de-atenas.html>

Imagens retiradas da plataforma de pesquisa www.google.com